



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

CRISLAINY VITÓRIA SANTANA DE SOUZA

**VERDADES E MENTIRAS NA CARACTERIZAÇÃO DA PROTAGONISTA, EM
“ALICE NO PAÍS DA MENTIRA”, DE PEDRO BANDEIRA**

**GUARABIRA
2023**

CRISLAINY VITÓRIA SANTANA DE SOUZA

**VERDADES E MENTIRAS NA CARACTERIZAÇÃO DA PROTAGONISTA, EM
“ALICE NO PAÍS DA MENTIRA”, DE PEDRO BANDEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719v Souza, Crislainy Vitoria Santana de.
Verdades e mentiras na caracterização da protagonista,
em "Alice no país da mentira", de Pedro Bandeira [manuscrito]
/ Crislainy Vitoria Santana de Souza. - 2023.
53 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva,
Departamento de Letras - CH. "

1. Literatura infantil e juvenil. 2. Alice no País da Mentira.
3. Temas fraturantes. 4. Releitura. 5. Protagonista. I. Título

21. ed. CDD 028.5

CRISLAINY VITÓRIA SANTANA DE SOUZA

**VERDADES E MENTIRAS NA CARACTERIZAÇÃO DA PROTAGONISTA, EM
“ALICE NO PAÍS DA MENTIRA”, DE PEDRO BANDEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do Curso
de Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito para
a obtenção do título de Licenciada em
Letras - Português.

Área de concentração: Literatura
Comparada.

Aprovada em: 23/05/2023.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Olavo Barreto de Souza

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Avaliador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Karla Valéria Araújo Silva

Profa. Me. Karla Valéria Araújo Silva (Avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha amada mãe, ao meu adorável pai, à minha insubstituível irmã, Chirlainy, e à minha doce Gabriella, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao orixá da vida: Oxalá, ao universo, às forças superiores e a todas as possibilidades existentes, que me auxiliaram na minha aventura através da vida. Em meio a todo caos da existência, me foi ofertada a dádiva de viver envolta por diversos mundos, vidas e épocas, por meio da minha grande paixão: a literatura.

À Lygia Bojunga, que me fez viajar, ainda criança, através da perspectiva de Raquel e sua bolsa amarela¹. Dentre todas as maiores vontades da protagonista de Bojunga, duas inspiraram minha trilha existencial: a vontade de crescer e a de se tornar escritora. A partir disso, surgiram os meus primeiros escritos, também escondidos na bolsa sem fundo do tempo, para que somente depois conseguisse mostrá-los, ainda que um pouco insegura. Agradeço, também, a Pedro Bandeira, pois suas narrativas me acompanham desde a infância, perpassando, agora, para este trabalho.

Ao meu pai, Francisco, por ter me mostrado a importância de lutar por meus objetivos; por ter me encorajado a manter meus ideias e a buscar minha estabilidade; por me permitir ser feliz quando todos quiseram me jogar na bolsa infinita da restrição; por me ensinar que, em um mundo machista, não há nada mais lindo do que uma mulher ocupando seu lugar de direito; por ter “esquecido” *O monge e o executivo*² sobre a cama, e ter me influenciado a entender a importância de uma vida arregada de “bons” livros. Obrigada por ser, estar e por lutar, a cada dia, para permanecer.

À minha mãe, Chirlene, e à minha irmã, Chirlainy. Obrigada pela companhia diária, por terem me permitido compartilhar meu verdadeiro eu, mesmo que divirja das características principais de vocês. Por não julgarem, mas sim apoiarem minhas loucuras — tanto pessoais quanto acadêmicas — como subterfúgio para aliviarem minha carga. Por estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis, bem como por serem parte de mim.

Ao meu insubstituível tio David, que se caracteriza por ser sinônimo de bondade e apoio. Por você ser parte da minha família, por se fazer presente, mesmo de longe, e me mostrar que sempre terei um amigo para compartilhar as notícias. Obrigada por fazer parte e ser meu exemplo de pessoa.

À minha doce e muito amada Gabriella, que preencheu minha vida com a alegria, a qual julguei ser inexistente. Obrigada por ser a companheira de alma que o universo me presenteou, sinto-me como uma vencedora toda vez que te olho; por você me incentivar a cada dia e me mostrar o quanto nada é impossível se realmente quisermos; por você ser meu exemplo de gentileza e carinho. Sua existência realmente me desnor-teia e eu sou grata por isso.

Às experiências que me caracterizam. À curiosidade que me torna parte de Alice, assim como a contínua busca pelo novo, pelo conhecimento e pelo estranho. Às bibliotecas das escolas pelas quais passei, as quais se tornaram meu refúgio por um longo tempo. Aos professores que me incentivaram a embarcar no maravilhoso (per)curso da literatura, em especial Carlos Eduardo Valim Rocha, Bento Dimas Ferreira, a Rosélia Pereira da Silva e a Ana Patrícia Mendonça Frazão: vocês são profissionais e seres humanos de grande maestria. Obrigada por me incentivarem.

¹ BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

² HUNTER, James C. **O monge e o executivo**: uma história sobre a essência da liderança. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

Ao meu amado BTS, por me proporcionar a alegria pela vida e pelo desenvolvimento. Por vocês, meus sete seres de luz, mostrarem-me que somos a prova de balas e que, mesmo com todo o caos da existência e do mundo, ainda temos uns aos outros. Por vocês me possibilitarem ter um motivo para ser e estar, para cantar e dançar, para rir em meio às lágrimas.

Aos meus queridos amigos: Carlos Eduardo (Cadu), Jardiel, Haddison, Maykon e Douglas, pela parceria durante os 4 anos mais importantes da minha vida. Ao *Stalkeando* Clássicos, clube literário muito importante para desafogar a mente universitária através da literatura. Aos pesquisadores (seguidores) de Rosângela — de 2021/2022 — Rita, Bárbara e Aline, obrigada pelo companheirismo e por compartilharem seus conhecimentos com a equipe. À Maria Izabel e à Sthefany, por me fazerem sentir amparada caso eu surtasse no desenvolvimento do presente trabalho.

À professora Rosângela, minha orientadora e amiga, que abriu portas para que eu pudesse trilhar um excelente caminho acadêmico. Obrigada por ser um exemplo de profissional e por me permitir aprender com sua gentileza, doçura, caráter e profissionalismo. Assim como sou grata ao professor João Paulo, por me mostrar que o universo tende a unir as melhores pessoas. Vocês são sinônimo de aprendizagem e de exemplo.

E, por fim, à Universidade Estadual da Paraíba, em especial ao Centro de Humanidades e à possibilidade de me graduar em Letras Português, permitindo-me a realização de um sonho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me agradecer com a chance de ser bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-Af).

“— Aprenda a escolher o seu caminho!
Você tem que descobrir a diferença!
Aprenda a escolher o seu caminho, Alice!”
(BANDEIRA, 2016, p. 53).

RESUMO

Este estudo, pertencente ao campo de investigação da Literatura Infantil e Juvenil, dispõe como objeto de análise a obra *Alice no País da Mentira*, do autor brasileiro Pedro Bandeira (2016), uma releitura de *Alice no País das Maravilhas* e de *Alice Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. A apreciada diegese apresenta a história da menina Alice, que, após sofrer uma calúnia de seu melhor amigo, Juninho, refugia-se, muito triste e zangada, no sótão da casa de sua avó. Porém, em meio ao ambiente repleto de histórias, a protagonista acaba por ser inserida em um novo mundo através do Espelho do Sótão: o País da Mentira e, por conseguinte, o País da Verdade. Desse modo, tivemos como principal objetivo subsidiar um modo significativo de leitura, para possibilitar a abordagem dos temas fraturantes, podendo, assim, evidenciar a variedade de aprendizagens presente na releitura de Bandeira (2016) e evidenciar o impacto da Mentira e da Verdade na caracterização da protagonista-menina. Diante disso, a motivação para a produção desse estudo adveio no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que teve por temática “O tema fraturante e a construção da personagem em ‘Alice no país da mentira’, de Pedro Bandeira”, e da necessidade de expandir a temática da obra literária destinada para crianças a partir dos 11 anos, especificamente do 6º e 7º Ano (anos finais do ensino fundamental), trabalhando, assim, com as Mentiras e as Verdades. Por isso, essa pesquisa de caráter bibliográfico, comparado e qualitativo se justifica por ser de suma importância abordar a temática com os pequenos, reiterando, assim, as funções da literatura para jovens e crianças. Para tanto, alicerçamos esta pesquisa nos postulados de Coelho (2000), Rosenfeld (2004), Canton (2005; 2006), Lajolo (2006), Cademartori (2010), Hunt (2010), Arroyo (2011), Hutcheon (2011), Colomer (2017), Belmiro e Martins (2019) e Eagleton (2019), entre outros importantes pesquisadores não só da literatura, como também da psicologia, a exemplo de Piaget (1932) e Frota (2007), e da Semiótica, como Santaella (2012) e Heller (2021). Outrossim, verificamos o desenvolvimento da caracterização da protagonista-menina, que entra no mundo das mentiras irredutíveis de que todas eram prejudiciais e sai com o ensinamento de que nem todas as mentiras são ruins e de que nem todas as verdades são boas.

Palavras-Chave: Literatura infantil e juvenil. Alice no País da Mentira. Temas fraturantes. Releitura. Protagonista.

ABSTRACT

This study, belonging to the field of research of Children's and Young Adult Literature, analyzes the book *Alice no Pai da Mentira* by Brazilian author Pedro Bandeira (2016), a reinterpretation of *Alice in Wonderland* and *Through the Looking-Glass, and What Alice Found There*. The appreciated narrative presents the story of the girl Alice, who, after being falsely accused by her best friend, Juninho, seeks refuge in the attic of her grandmother's house, feeling very sad and angry. However, amidst the environment filled with stories, the protagonist ends up being drawn into a new world through the Attic Mirror: the Land of Lies and, consequently, the Land of Truth. Therefore, our main objective was to provide a meaningful way of reading, enabling the exploration of divisive themes and highlighting the variety of learning experiences present in Bandeira's reinterpretation (2016), as well as showcasing the impact of Lies and Truth on the characterization of the girl protagonist. Given this, the motivation for conducting this study arose within the context of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), which had as its theme "The divisive theme and character construction in 'Alice in the Land of Lies' by Pedro Bandeira," and the need to expand the thematic scope of the literary work intended for children aged 11 and above, specifically 6th and 7th grades (the final years of primary education), thereby exploring Lies and Truths. Therefore, this bibliographic, comparative, and qualitative research is justified as being of paramount importance in addressing these themes with young readers, thereby reaffirming the functions of literature for young people and children. To this end, we have grounded this research on the principles of Coelho (2000), Rosenfeld (2004), Canton (2005; 2006), Lajolo (2006), Cademartori (2010), Hunt (2010), Arroyo (2011), Hutcheon (2011), Colomer (2017), Belmiro and Martins (2019), and Eagleton (2019), among other important researchers not only in literature but also in psychology, such as Piaget (1932) and Frota (2007), and Semiotics, such as Santaella (2012) and Heller (2021). Furthermore, we examine the development of the characterization of the girl protagonist, who enters a world of irrefutable lies, believing that all lies are harmful, but emerges with the lesson that not all lies are bad and not all truths are good.

Keywords: Children's and Young Adult Literature. Alice in the Land of Lies. Fracturing themes. Rewriting. Protagonist.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	– Charles Perrault.....	20
Figura 02	– Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm.....	21
Figura 03	– Hans Christian Andersen.....	22
Figura 04	– Autorretrato de Lewis Carroll.....	22
Figura 05	– Figueiredo Pimentel.....	23
Figura 06	– Monteiro Lobato.....	23
Figura 07	– A primeira Alice.....	25
Figura 08	– Alice Lindell.....	25
Figura 09	– Lar doce lar do Sótão da Vovó.....	26
Figura 10	– Lar doce lar do Sótão do Espelho.....	27
Figura 11	– Primeiro poema invertido.....	28
Figura 12	– Primeiro poema através do espelho.....	28
Figura 13	– Capa de Osnei Roko.....	30
Figura 14	– Capa de Osnei Rocha.....	30
Figura 15	– Cores da Mentira e da Verdade.....	31
Figura 16	– Alice no Sótão da Vovó 1ª ed.....	33
Figura 17	– Alice no Sótão da Vovó 2ª ed.....	33
Figura 18	– Alice e as mentiras do País da Mentira.....	34
Figura 19	– Alice e as Verdades do país da Verdade.....	34
Figura 20	– Barão Minch-ráusen.....	37
Figura 21	– Boa Mentira.....	40
Figura 22	– Mentira de Político, Demagogia e Difamação.....	41
Figura 23	– Mentira Cabeluda.....	42
Figura 24	– Uma Verdade de Peso.....	45
Figura 25	– Verdade Absoluta.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Primeira divisão da Literatura infantil.....	18
Quadro 02 – Os valores tradicionais.....	19
Quadro 03 – Funções da literatura para jovens e crianças.....	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Separação das Mentiras por intensidade.....	39
Tabela 02 – Separação das Verdades.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS

AFEF	Anos Finais do Ensino Fundamental
FAPESQ	Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	UMA LITERATURA DE “PESO”	17
2.1	Outra perspectiva do maravilhoso	24
3	MENTIRAS E VERDADES ADORNADAS	30
4	ATRAVÉS DO SÓTÃO DO ESPELHO	36
5	ATRAVÉS DO ESPELHO DAS MENTIRAS	44
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Alice no país da mentira, de Pedro Bandeira (2016), releitura da obra *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho e o que Alice Encontrou por lá*, do escritor inglês Lewis Carroll (2009), narra a peculiar história da menina Alice, uma criança alegre e curiosa, que se depara com uma inusitada situação: seu melhor amigo a caluniou. Diante da presença da desconhecida mentira, a protagonista se refugia, triste e zangada, no sótão da casa da sua vovó. Em meio à lamentação e aos resmungos da menina, sua atenção é direcionada a um espelho maleável, presente no ambiente, objeto que a direciona a um novo país: o País da Mentira.

Diante dos diversos e distintos assuntos que são considerados fraturantes, Bandeira (2016) se ampara, para a construção da diegese, em duas temáticas intrinsecamente conectadas e que regem a humanidade: a Mentira e a Verdade, porém mais pluralizadas, já que são caracterizadas como “[...] gentes, gatinhas e gentonas” (BANDEIRA, 2016, p. 17) que habitam seus respectivos países, mas que vivem em constante conflito por suas destinações e empasses, mesmo que ambas não existam e nem tenham sentido sem a existência da outra.

Desse modo, o vigente estudo aborda o tema fraturante da Mentira e da Verdade como principal meio de caracterização da protagonista Alice, personagem da obra *Alice no País da Mentira*, do autor brasileiro Pedro Bandeira (2016). Nesse viés, torna-se necessária a explicação do termo associado ao nosso objeto literário de análise, uma vez que, apesar de presente em diversas áreas da sociedade, os temas fraturantes recebem outras nomeações, relativamente, populares, como: temáticas frágeis e transversais, ou seja, assuntos socialmente considerados de difícil abordagem, principalmente com as crianças e os jovens.

Inicialmente, esse estudo foi pensado no contexto de vigência da bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com duração entre setembro de 2021 a agosto de 2022, tendo por temática “O tema fraturante e a construção da personagem em *Alice no país da mentira*, de Pedro Bandeira”. Posteriormente, de modo expandido, surgiu a motivação de explorar a temática fraturante não só da Mentira, como também da Verdade, na obra destinada para crianças a partir dos 11 anos, especificamente do 6º Ano (AFEF), 7º Ano (AFEF),

segundo a editora Moderna, responsável pela 2ª edição, a mais recente da obra (2016).

Por isso, esse estudo, de caráter bibliográfico, comparado e de cunho qualitativo, justifica-se por ser de suma importância abordar a temática com os pequenos, reiterando, assim, as funções da Literatura Infantil e Juvenil. Dessa forma, ele objetiva subsidiar um modo significativo de leitura para os temas socialmente difíceis de serem abordados, o que mostra a diversidade de aprendizagens existentes através da obra literária e evidencia que a criança é “um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua realização” (COELHO, 2000, p. 27), ao apresentar as narrativas infantis como primordial objeto formador.

Tendo em vista todos os fragmentos presentes na obra que caracterizam Alice, tanto física, moral e ideologicamente, é de suma relevância entendermos os caminhos pelos quais a Literatura Infantil e Juvenil percorreu, atentando-se aos aspectos centrais da construção da obra. Diante disso, torna-se imprescindível nos atentarmos ao fato de que se trata de uma releitura infantil contemporânea, e que tal percurso influenciou na construção da narrativa, seus personagens e, principalmente, na construção do leitor, pois as obras infantis, “[...] do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita” (HUNT, 2010, p. 43).

Diante disto, podemos compreender que os livros infantis e juvenis obtêm grande influência na construção dos seres, independentemente do modo ou local de elaboração, por isso nomes como Charles Perrault (1628-1703), os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (1785-1863; 1786-1859), Hans Christian Andersen (1805-1875), Charles Lutwidge Dodgson — Lewis Carroll — (1832-1898), Figueiredo Pimentel (1869-1914) e Monteiro Lobato (1882-1948), permanecem presentes na literatura canônica, fazendo jus às diversas releituras de suas obras, assim como nosso objeto de estudo.

Posto isso, torna-se importante, inicialmente, salientarmos o conceito de Literatura Infantil acoplado ao sistema de Literatura e não de maneira minimizada como criação literária advinda de textos adultos, reduzidos e adaptados, assim como

a definição de crianças, dado que, outrora, elas eram vistas como adultos em potencial e não como seres em formação em um período de aprendizagem, isto é, a infância.

Posteriormente, trataremos à tona o percurso que a Literatura Infantojuvenil trilhou até chegar ao caráter literário a qual o objeto de estudo analisado pertence. Desse modo, torna-se importante caminharmos por entre autores que marcaram tanto a Literatura Infantil na Europa quanto escritores brasileiros, que adicionaram um aspecto nacionalista a seus escritos, saindo, assim, dos padrões europeus. Assim como foi necessária uma breve análise referente às Ilustrações de Osnei Rocha, presentes no *corpus* da obra literária.

Por fim, analisaremos as características da protagonista Alice, em conjunto com as Mentiras e as Verdades que pertencem aos países do outro lado do espelho. Evidenciando suas intencionalidades, visto que seus aspectos impactam na caracterização de Alice que está tendo contato, pela primeira vez, com seres, bons e maus, inofensivos e prejudiciais, tão distintos.

2 UMA LITERATURA DE PESO

Antes de adentrarmos no mundo da Literatura Infantil e Juvenil e das suas produções destinadas aos menores (crianças e adolescentes), devemos nos questionar: o que é literatura? Como se compreende a literatura? Nessa perspectiva, a literatura é arte, uma possibilidade de representar as coisas e seres através da palavra, ou seja, uma maneira de se fazer conhecer o mundo, seja real ou imaginário, sócio e humanamente possível ou não, por meio de um processo de produção e intervenção nos âmbitos sociais. Mesmo que a sua definição e compreensão seja complexa, a Literatura ainda tem como principais funções atuar, transformar e enriquecer a mente dos indivíduos que a acessam, corroborando, assim, para funções da própria Literatura Infantil e Juvenil.

Por ser um dos principais veículos de formação social, podemos, então, questionar subsequentemente: a literatura pode transmitir conhecimento? Ela é uma criação social ou individual? Ela é necessária ou somente objeto de entretenimento? É dependente dos progressos ou da popularidade e da produção da obra? A elucidação desses questionamentos é muito importante, embora as respostas sejam múltiplas e de diversos modos, a depender de cada época. Porém, assim como explica Coelho (2000, p. 27-28),

Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...).

E, assim como a concepção de Literatura, a de criança também se alterou diacronicamente, dado que a infância como conhecemos hoje — referência de autonomia e liberdade, segundo Philippe Ariès (1978 *apud* FROTA, 2007, p.148) — é uma criação da modernidade do século XVIII, mesmo que nos séculos XVI e XVII já houvesse uma concepção de infância centrada na inocência e na fragilidade infantil. Entretanto, somente a partir do século XIX que se começou a tratar os indivíduos na fase da infância como crianças (seres em formação), e não como outrora, considerados “[...] adultos em miniatura ou pequenos adultos” (FROTA, 2007, p. 148).

Nesse viés, a literatura seguiu os conformes da sociedade, ou seja, enquanto ela não seguia os padrões de infância — tratando as crianças, especificamente, como adultos em potencial — também se caracterizou por ser disciplinar, educativa e moralizante, tornando-se, assim, uma literatura exemplar, “[...] que procurava levar o pequeno leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas ‘adultas’” (COELHO, 2000, p.23). Por isso, não podemos afirmar que a Literatura Infantil e Juvenil, ao contrário do conceito de infância, foi criada na Idade Moderna, porém essa vertente ascendeu como um fenômeno literário especificamente nesse período, já que há uma extensa exploração de diversos novos gêneros e formatos, e segue em expansão contínua. Segundo Colomer (2017), a Literatura Infantil e Juvenil, para chegar até o formato que conhecemos, pode ser dividida em dois momentos:

Quadro 01 – Primeira divisão da Literatura infantil

Obras anônimas da literatura de tradição oral
Obras com autoria que foram especificamente destinadas ao público infantil

Fonte: Elaborado pela autora com base em Colomer (2017).

Assim, quando nos referimos às obras de tradição oral, ou contos populares, devemos considerar que não se destina exclusivamente ao público infantil, mas, sim, ao público popular, que, com o início da alfabetização em massa e com a industrialização, encontraram a necessidade de adaptar as narrativas orais para a escrita. Contudo, tal afirmativa não suprime o fato de que os contos populares (os contos maravilhosos, de animais e de costume) são

[...] as produções literárias que mais influenciaram a formação da literatura infantil: em primeiro lugar, porque uma parte destes contos sobrevive quase exclusivamente na literatura dirigida à infância; em segundo, porque os autores de literatura infantil utilizam abundantemente os elementos próprios destes contos (COLOMER, 2017, p.134).

Como primeiro adaptador dessas obras orais, destaca-se o francês Charles Perrault, que coletou contos e lendas, como *Cinderela*, que agora denominamos de *contes de fées* (contos de fadas) ou *Histoires ou contes du temps passé avec des moralités* (Histórias ou contos do tempo passado com moralidades). Posteriormente, destaca-se, como expansores desses contos, os alemães Wilhelm e Jacob Grimm, com *João e Maria* e *Rapunzel*, sendo seguido pelo dinamarquês Hans Christian

Andersen, o italiano Carlo Collodi e o inglês Lewis Carroll (2009). Este, como já mencionado, é o autor de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* (obras que amparam a construção da personagem e do nosso objeto de estudo *Alice no País da Mentira*), entre outros adaptadores/autores que corroboram para a expansão da Literatura para crianças, mesmo com seus valores tradicionais (quadro 02).

Quadro 02 - Os valores tradicionais

Espírito individualista
Obediência absoluta à Autoridade
Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer , acima do ser
Moral dogmática
Sociedade sexófoba
Reverência pelo passado
Concepção da vida fundada na visão transcendental da condição humana
Racionalismo
Racismo
A criança: “adulto em miniatura”

Fonte: COELHO, 2000, p.19.

O adaptador das primeiras obras orais, Charles Perrault (figura 01), obteve acesso a essas narrativas através dos contadores que trabalhavam em sua residência, no século XVII, e, mesmo que este desprezasse “[...] o povo e as superstições populares e, como homem culto, as ironiza” (CADEMARTORI, 2010, p.40), optou por adaptá-las, porém manteve um caráter admonitório, por meio de uma literatura pedagógica moralizante, com noção de *civilité* (civildade), ainda que com traços satíricos para com o popular. Indubitavelmente, ao analisarmos os contos de Perrault, é notório o direcionamento à burguesia, classe social a qual pertencia, por isso Cademartori (2010, p. 41) afirma que Perrault:

Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses [...].

Desse modo, cabe salientar que essas **estórias** de Perrault não tinham, especificamente, indicação literária infantil ou adulta, mesmo que a ideologia dos contos de fadas visasse preparar “[...] as crianças para seus futuros papéis sociais” (CANTON, 2005, p.12), uma vez que não havia essa separação até a passagem do século XVII e XVIII, bem como pelo adaptador abordar códigos e características que expressam o seu apoio ao estilo barroco e aristocrático do reinado de Luís XVI, o Rei Sol.

Figura 01 – Charles Perrault



Fonte: Philippe Lallemand (1636-1716).

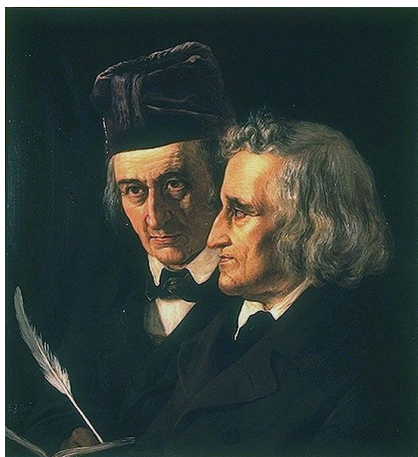
Posteriormente, na segunda metade do século XVIII, em meio a uma Alemanha desconhecida, acendeu-se o *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), movimento literário que visava valorizar a identidade alemã, ao passo que rejeitava o que era visto como

[...] civilizado na época, que, nesse momento na história traduzia-se na França, com seus costumes sofisticados e suas noções de civilité (civildade) que dominavam todo o mundo europeu e ditavam a importância do refinamento e da boa maneira” (CANTON, 2006, p.07).

Juntamente com tal movimento literário, destacaram-se como autores nacionalistas os irmãos Jacob Ludwig Karl Grimm e Wilhelm Karl Grimm (figura 02), que coletaram e organizaram seus contos, *Kinder-und Hausmärchen* (Contos de Fadas para o Lar e as Crianças), visando se oporem à ocupação napoleônica. Em

virtude disso, os irmãos estudaram através dos povoados e dos livros do século XVII e adaptaram estas obras dando ênfase “a qualidades natas do caráter humano, como a força da sobrevivência, a justiça, a perseverança” (CANTON, 2006, p. 14), evidenciando, em seus textos, que o bem se paga com o bem e o mal com o mal.

Figura 02 – Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm



Fonte: Elisabeth Baumann (1818–1881).

Já quando nos direcionamos à Dinamarca, do final do século XIX, temos enfoque no autor Hans Christian Andersen (figura 03), que desenvolveu grande parte de seus contos a partir de suas vivências, características marcantes de seu país e de sua cultura. Devido a tais pontos, é considerado um escritor moderno de contos de fadas, que se considerava personagem de uma narrativa, já que dizia: *Minha própria vida é um conto de fadas*. Por isso, em suas histórias

[...] o autor se identifica com personagens diferentes e marginalizadas — consideradas feias ou estranhas, ou ainda pequeninas ou grandes demais (ele mesmo vivia sendo debochado por ser muito alto). O carinho e atenção que dispensava a essas personagens fizeram seus textos se tornarem inesquecíveis. (CANTON, 2005, p.14).

Diante disto, é importante salientar que Andersen, ao contrário de Perrault e dos irmãos Grimm, adaptou poucas histórias da literatura oral, por isso podemos o considerar autor e não somente adaptador.

Figura 03 – Hans Christian Andersen



Fonte: Thora Hallager (1821-1884).

Como referência de autor que desenvolveu obras infantis inovadoras, o inglês Lewis Carroll (figura 04) se destacou por abandonar o tom moralizante das histórias do século XIX, principalmente com suas obras *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, nas quais introduz a manipulação sistemática da imaginação. Tais obras se desviaram do lógico e convencional, através do *nonsense*³, que propõe o absurdo por meio da protagonista Alice, que vivencia, juntamente com seres, acontecimentos inusitados e em lugares ilógicos, rejeitando, assim, “qualquer pretensão didática tradicional” (CADEMARTORI, 2010, p. 30).

Figura 04 – Autorretrato de Lewis Carroll



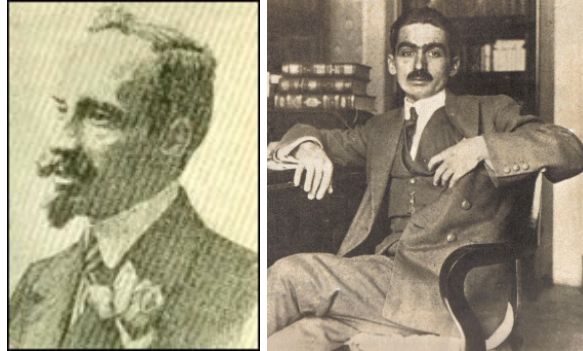
Fonte: Lewis Carroll, 1857.

Já no Brasil, destacam-se os autores Figueiredo Pimentel (figura 05), com *Contos da Carochinha* — histórias elaboradas a partir da preocupação com a

³ Em tradução livre: sem sentido.

educação da infância na República — e, posteriormente, Monteiro Lobato (figura 06).

Figura 05 e 06 – Figueiredo Pimentel e Monteiro Lobato



Fonte: Antonio Miranda, 2009./ **Fonte:** Coleção Novo Século (Editora Abril).

Lobato, assim como Perrault e os irmãos Grimm, iniciou sua carreira literária ouvindo e adaptando narrativas orais tradicionais, tanto internacionais quanto de sua região, como *O Saci-Pererê: resultados de um inquérito*, que “são de Monteiro Lobato, embora não assinados, o prefácio, do intróito e as duas dedicatórias” (ARROYO, 2011, p. 293). Ou seja, histórias folclóricas advindas dos europeus, dos africanos e dos indígenas, etnias que compunham, majoritariamente, o povo brasileiro. A partir disso, como propõe Colomer (2017), a literatura para crianças e jovens tem suas principais funções:

Quadro 03 – Funções da literatura para jovens e crianças

Iniciar o acesso ao imaginário coletivo
Desenvolver o domínio da linguagem e formas literárias
Socialização cultural

Fonte: Elaborado pela autora com base em Colomer (2017).

Lobato contribuiu para adicionar à Literatura Infantil e Juvenil brasileira um caráter apelativo para o imaginário com aspectos lúdicos nacionalistas, renovando, assim, o que outrora estava preso na literatura didática, canônica, europeia e pedagogizante. Tal fato pode ser observado na resposta ofertada à Narizinho pela Dona Carochinha:

Não sei — respondeu Dona Carochinha — mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladim queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o Marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.

Narizinho gostou tanto daquela revolta que chegou a bater palmas de alegria, na esperança de ainda encontrar pelo seu caminho algum daqueles queridos personagens (LOBATO, 1987, n.p.).

Em *Narizinho arrebitado*, assim como em outras de suas obras, é possível compreender que, *a priori*, Lobato cria personagens baseados na releitura dos já existentes. O autor evidencia temáticas que tornam o leitor-criança protagonista de seus ideais, uma vez que é a leitura “agradável, que lhe dá a amostra do que podem os livros” (ARROYO, 2011, p. 283).

Diante desse percurso da Literatura Infantil, é perceptível que ela está em constante expansão, passando por diversas transformações, assim como nosso objeto de estudo. Desse modo, é importante salientarmos que *Alice no país da mentira*, do autor brasileiro Pedro Bandeira (2016), embora seja uma obra brasileira, também tem aspectos ingleses, uma vez que o livro que influenciou sua escrita é de Lewis Carroll (2009), um inglês. Nesse viés, cabe a evidenciação do caráter literário ao qual nosso objeto de análise pertence: a releitura.

2.1 Outra perspectiva do maravilhoso

A priori, para compreendermos nosso objeto de análise, é necessário definirmos o termo *reconto* como o ato de contar novamente, porém esse prefixo reduplicado permite que haja a inserção de novos fragmentos literários, contanto que mantenha sua base (ação dramática) em textos anteriores. Diante disto, é notório que *Alice no País da Mentira* é um reconto de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, uma vez que Pedro Bandeira afirma que “nesta história, no meio de tanta mentira e de tanta verdade, há algumas verdades (ou mentiras bem contadas!) que já existiam antes de Alice no País da Mentira” (BANDEIRA, 2016, p.107), para, logo após, evidenciar alguns fatos

verdadeiros (ou mentirosos que se assemelham aos verdadeiros) dentre os quais está o intitulado *A primeira Alice*.

A primeira Alice (figura 07) é proveniente da obra de Lewis Carroll (2009), um inglês que gostava de contar histórias para Alice Liddell (figura 08), a filha de um amigo. Em um de seus passeios com Alice, Carroll (2009) inventou a história *nonsense* de uma menina que, posteriormente, seria considerada um marco inaugural da Literatura Infantojuvenil, já que sua aventura pelo País das Maravilhas é protagonizada por uma criança cheia de imaginação e de sonhos. Em decorrência disso, percebemos que a Alice de Carroll (2009) e a Alice de Bandeira (2016) são semelhantes, já que “usa seu humor, sua graça e sua imaginação para aprender a diferença entre a Verdade e a Mentira” (BANDEIRA, 2016, p. 107).

Figura 07 – A primeira Alice



Fonte: John Tenniel, 2009..

Figura 08 – Alice Lindell



Fonte: Alice Liddell, 1859.

Pedro Bandeira (2016) começou a publicar pequenas histórias para o público Infantil a partir de 1972, porém somente em 1983 decidiu se dedicar exclusivamente à literatura para crianças e adolescentes. O supramencionado autor afirma que, ao inventar a diegese de *Alice no País da Mentira*, ele se divertiu bastante, dado que

[...] se eu a inventei, tudo não passa de mentira, não é? É claro que é! Desde pequeno, eu sempre tive muito jeito pra isso. Pra escrever histórias? Não. Pra contar mentira. Quando eu era criança e vinha com minhas mentirinhas, acabava levando bronca: "Menino mentiroso! Já de castigo!". O gozado é que, muito mais tarde, quando comecei a contar minhas mentiras por escrito, todo mundo passou a dizer: "Mas que criativo!". Pois é: em mentira escrita todo mundo acredita... (BANDEIRA, 2016, p.111).

A narrativa de Bandeira (2016) é, em seu todo, muito divergente da obra inglesa, haja vista que todo cenário reflete na personagem Alice: uma menina alegre, criativa e curiosa, que, ao se deparar com uma mentira, ou melhor, calúnia, inventada por seu melhor amigo, Juninho, refugia-se — triste e zangada — no Sótão da Casa da Vovó: “um lugar mal iluminado, cheio de móveis sem uso, pacotes, tudo bem empoeirado” (BANDEIRA, 2016, p. 9). Ao se encontrar envolta por objetos antigos pertencentes à sua avó, a protagonista-menina avista um espelho que reflete boa parte do ambiente.

O Sótão do Espelho reflete o mundo de Alice de um jeito diferente: sendo considerado o considerado certo, evento que causa espanto na protagonista, uma vez que o reflexo fazia com que uma placa presente no cômodo do misterioso espelho se tornasse possível de ler “Lar doce lar”, e não ao contrário (figura 09 e 10)..

Figura 09 – ‘Lar doce lar’ do Sótão da Vovó

LAR DOCE LAR

Fonte: 2016, p.11.

Figura 10 – ‘Lar doce lar’ do Sótão do Espelho



Fonte: 2016, p.10.

No entanto, a protagonista se encontra tão imersa em seus resmungos e lamentos sobre a mentira do Juninho, que, simplesmente, ignora tal fato e direciona sua atenção a um baú presente no local, dando liberdade à sua principal característica: a curiosidade, uma vez que “fuxicar era com a Alice” (BANDEIRA, 2016 p.12). Ao olhar no baú do Sótão da Vovó, a menina encontra somente roupas velhas, porém o Baú do Sótão refletido no espelho lhe captura a atenção, já que estava emitindo uma luz.

Diante dos fatos supramencionados, a narrativa de Bandeira (2016), mesmo que tenha uma personagem com o mesmo nome da protagonista de Carroll (2009), apresenta-se como uma obra independente, principalmente, por descrever aspectos que são diferentes da obra base. Isso pode ser observado quando Alice se encontra em um sótão na casa de sua avó, não em um jardim com sua irmã. Entretanto, ao estender a mão em direção ao espelho, a Alice de Pedro Bandeira (2016) vivencia um acontecimento que marca a obra com seu caráter de releitura: “a face do Espelho era mole como gelatina, não dura como devem ser os espelhos” (BANDEIRA, 2016, p.12), mesmo aspecto visto pela Alice de Carroll (2009): “o espelho estava começando a se desfazer lentamente, como se fosse uma névoa prateada e luminosa” (CARROLL, 2009, p.165)

Ao passo que Bandeira (2016) se ampara na relativa afirmação de que o mundo através do espelho é o certo, coerente e lógico, Carroll (2009), em *Alice Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, descreve acontecimentos semelhantes com sua protagonista, porém deixando evidente a irrealidade presente através do espelho, uma vez que Alice encontra um livro sobre a mesa presente na

Sala do Espelho que continha um poema invertido (figura 11), e somente ao pegar outro espelho para refletir as palavras, é que a protagonista-menina pôde compreendê-lo (figura 12).

Figura 11 – Primeiro poema invertido

PARGARÁVIO

Solumbrava, e os lubriciosos touvos

Em vertigiros persondavam as verdentes;

Trisciturnos calavam-se os gaiolouvos

E os porverdidos estriguilavam fientes.

Fonte: Carroll, 2009, p.171.

Figura 12 – Primeiro poema através do espelho

PARGARÁVIO

Solumbrava, e os lubriciosos touvos

Em vertigiros persondavam as verdentes;

Trisciturnos calavam-se os gaiolouvos

E os porverdidos estriguilavam fientes.

Fonte: Carroll, 2009, p.171.

Ao entrar no Sótão do Espelho, a Alice de Bandeira encontra outros aspectos que outrora estavam presentes na Sala dos Espelhos da obra inglesa — baralhos de cartas e um tabuleiro de xadrez. Todavia, em meio aos fragmentos de releitura, a protagonista também encontra uma caixa de fotos que evidenciam características físicas semelhantes entre as personagens que já estiveram naquele ambiente, através do espelho, sendo diferenciadas pelo período temporal de tal experiência:

uma menina de cabelos escorridos [...] descalça [...]. E o baú Sótão do Espelho? Quanta coisa tinha dentro! Roupas de alguma menina assim da idade dela, mas de algum tempo em que roupa de menina era cheia de babados e laçarotes. Havia até um chapéu enfeitado, cheio de plumas [...] (BANDEIRA, 2016, p.13).

Em seguida, Alice segue “xeretando” o baú do Sótão do Espelho, porém, ao encontrar uma pilha de livros e abrir o primeiro, a protagonista evidencia uma das características marcantes na narrativa do nosso objeto de estudo, ou seja, o diálogo com o leitor, uma vez que o livro está em inglês e nos é proposta a possibilidade de escolha: ou a história se passa na Inglaterra, ou a avó de Alice é neta de inglês e havia se mudando para o Brasil. Diante disso, podemos afirmar que, enquanto Bandeira (2016) adapta, fazendo uma releitura, a obra de Carroll (2009) tem a “clara intenção de ampliar os horizontes de conhecimento do leitor” (SILVA, 2012, p. 30), visando aproximar e sedimentar seus conhecimentos prévios e memória cultural de maneira didática.

Ademais, antes da protagonista ser inserida em um contexto específico de seu imaginário, Alice experimenta a possibilidade, simultaneamente, de viver tanto na contemporaneidade como na antiguidade quando encontra um avental e o coloca sobre suas roupas modernas: “como alguém pode viver no antigamente no hoje em dia ao mesmo tempo? Bom, acho que é só querer, não é?” (BANDEIRA, 2016, p.13). Logo, a personagem-menina se depara com uma garrafinha e uma caixinha vazia as quais evidenciam que a Alice inglesa também já esteve presente naquele ambiente:

Havia uma garrafinha com uma etiqueta amarrada no gargalo, onde estava escrito "Beba-me". Mas nada havia dentro dela para beber. Logo achou uma caixinha onde está escrito "Coma-me" na tampa. Mas também estava vazia (BANDEIRA, 2016, p.14).

Então, ela encontra a Pimenteira da Cozinha da Duquesa que, ao ser chacoalhada, cria uma nuvem de pimenta em pó que flutua até seu nariz, fazendo-a espirrar e ser direcionada até um lugar inusitado que se opõe ao País das Maravilhas, até mesmo nas representações ilustradas.

3 MENTIRAS E VERDADES ADORNADAS

As ilustrações são de suma significância para o desenvolvimento e para a implementação dos livros infantis. Por isso, antes de adentrarmos nas especificidades da influência tanto da Mentira quanto da Verdade sobre a personagem Alice, torna-se necessário evidenciar as ilustrações presentes na primeira (1ª) edição da editora Ática (2006), e na segunda (2ª) edição da editora Moderna (2016), tendo por ilustrador Osnei Rocha (2016) e Roko (2006, pseudônimo de Rocha), respectivamente.

Alice no País da Mentira utiliza do método de Carroll (2009): o *nonsense*, no qual objetiva representar as discrepâncias descritas pelo autor, de modo que acrescente no imaginário do enunciatário para “reforçar a linguagem figurada verbal” (NIKOLAJEVA, 2011, p.281). Desse modo, podemos perceber que, ao Bandeira (2016) nomear nosso objeto de análise ancorado no País das Maravilhas, o ilustrador se viu diante do desafio de personificar as múltiplas possibilidades. Como exemplo disso, temos as capas do livro ilustrado das diferentes editoras (figuras 13 e 14).

Figura 13 – Capa de Osnei Roko



Fonte: 2006.

Figura 14 – Capa de Osnei Rocha



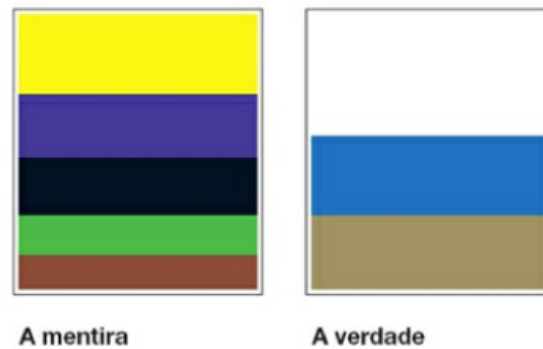
Fonte: 2016.

Diante das capas, tanto da editora Ática (2006) quanto da editora Moderna (2016), é notório que, mesmo após dez anos da primeira edição, o ilustrador manteve fragmentos centrais que possibilitam a sapiência do título escolhido: a protagonista Alice usando suas roupas modernas sobrepostas pelas antigas da Alice de Carroll (2009) e seu chapéu de plumas; o espelho no qual a menina atravessa para poder entrar no Sótão do Espelho; a velha lanterna do Barão Minch-ráuzen, o Barão Mimi; as garras da Mentira Cabeluda, a mais perigosa das mentiras; assim como o fundo azulado com pequenas luzes amareladas, assemelhando-se ao céu, representante comum para a imaginação.

Diante disso, torna-se perceptível que as edições apresentam algumas diferenças no que tange à grande chave que abre o portão do zoológico das piores mentiras e a imagem de Diógenes de Sínope, o Sábio Didi. Além disso, são visíveis as características físicas da protagonista-menina, que aparenta ter saído da infância para a adolescência, visto que abdica das estampas e das cores quentes em seu vestiário, as quais, segundo Farina (2006, p. 96), “constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo, para gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para abster-se ou agir”.

Essas imagens supramencionadas, presentes no campo bidimensional (papel), também podem ser associadas com a psicologia das cores, objeto de estudo da psicóloga, socióloga e professora Eva Heller (2013), que caracteriza as cores como gerador de sentimentos e de sensações, típico dos livros infantis ilustrados. Diante disso, podemos considerar que o azul, presente no fundo das capas, é o representante da “simpatia, da harmonia, da amizade e da confiança” (HELLER, 2013), além dos outros tons que se repetem, como o branco das nuvens, o cinza da mão da Mentira Cabeluda, o verde na roupa e no chapéu de Alice, o sombreado preto e amarelo e os adereços de cor roxa. Tais tons foram escolhidos, segundo Heller (2013), para representar a Verdade e a Mentira (figura 15).

Figura 15 – Cores da Mentira e da Verdade



Fonte: Heller, 2013.

Ou que, ainda segundo Farina (2006, p.02), influenciam os seres humanos (em formação ou não), haja vista que seus efeitos

[...] tanto de caráter fisiológico como psicológico, intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem etc. As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador na emoção, na consciência e em nossos impulsos e desejos.

Em presença da diversidade de cores e de imagens que dialogam com o texto literário de Bandeira (2016), nota-se a importância do ilustrador como meio de conexão entre o verbal, o não-verbal, o ficcional e o não-ficcional no contexto de Alice, Mentiras e Verdades, uma vez que a imagem e o texto verbal

[...] levam melhor a informação e a narração, se são o trabalho de autores individuais ou coletivos, que assumem uma sensibilidade, uma imaginação, que propõem visões, pontos de vista, em uma marcha de criação original, a qual desperta para o leitor a possibilidade de uma relação não somente cognitiva, como também afetiva e humana com o saber (HERVOUËT, 2014, p.08 *apud* BELMIRO; MARTINS, 2019, p. 64).

Por isso, ao analisarmos a diegese de Bandeira (2016) e a conectamos, quase que imediatamente, com as ilustrações presentes em sua respectiva edição, uma vez que o uso da semiose dá aos personagens e às cenas uma personificação do proposto. Assim, no caminho percorrido por Alice, a menina-protagonista se depara com diversos seres — Verdades e Mentiras — os quais Osnei (tanto como Rocha quanto Roko) caracteriza em ilustrações elaboradas de maneira detalhada.

Diante disso, cabe apresentar os personagens descritos por Bandeira (2016) em contraste com as ilustrações de Osnei Rocha (2016) e Osnei Roko (2006), dado que “as imagens são recebidas mais rapidamente do que os textos” (SANTAELLA, 2012, p.109), prendendo, dessa forma, a atenção, pois as informações se fixam por mais tempo no cérebro. *A priori*, Bandeira (2016) inicia sua narrativa apresentando uma justaposição de texto e de imagem, para evidenciar a condição inicial da protagonista Alice, que se encontrava “[...] tão triste e tão zangada” (BANDEIRA, 2016, p. 08) refugiada no sótão da casa de sua avó (figura 16 e 17).

Figura 16 – Alice no Sótão da Vovó 1ª ed



Fonte: 2006, p.09.

Figura 17 – Alice no Sótão da Vovó 2ª ed



Fonte: 2016, p.10.

As figuras apresentadas por Osnei, tanto na edição de 2006 quanto na de 2016, têm o marrom típico das construções antigas por tonalidade majoritária, as quais tinham prevalência da madeira, e que, segundo Heller (2013), “é a cor do passado”. Diante disso, cabe, também, salientar a divergência na caracterização da protagonista, dado que, na primeira edição de nosso objeto de estudo, apresenta uma Alice com traços tipicamente infantis. Já na edição mais recente (2016), a

protagonista-menina aparenta estar um pouco mais velha, ou, até mesmo, entrando na adolescência, evidenciando, assim, outro conflito temporal na obra, visto que a menina já se deparado com o contraste de se deparar com seu **eu** de outra década: “Como alguém pode viver o antigamente e no hoje em dia ao mesmo tempo? Bom, acho que é só querer, não é?” (BANDEIRA, 2016, p.13).

Posto isso, adquirimos a sapiência do porquê o ilustrador passa a assinar como Osnei Rocha (2016) e não mais como Roko (2006): Osnei assina com o pseudônimo Roko os trabalhos direcionados ao público jovem e adulto, enquanto usa Rocha no que tange aos trabalhos vinculados ao público infantil. Ou seja, assim como a obra base *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* passou muitos anos no limbo da dúvida sobre qual público se direcionava, *Alice no País da Mentira* pode, também, não ter se destinado, inicialmente, para crianças, na percepção do ilustrador.

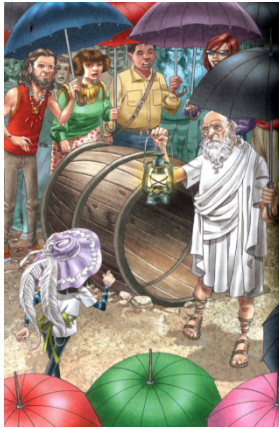
Nesse sentido, Rocha (2016) apresentou os personagens com tonalidades que os caracterizam e com aspectos físicos específicos de cada indivíduo. Partindo desse pressuposto, focaremos na edição mais recente da narrativa, considerando que ela se sobressai temporalmente por evidenciar características mais modernas, ao passo que descobriremos sobre os personagens do País da Mentira e sua influência na caracterização de Alice.

Figura 18 – Alice e as mentiras do País da Mentira



Fonte: 2016, p.23.

Figura 19 – Alice e as Verdades do país da Verdade



Fonte: 2016, p.62.

Nesse viés, consideramos que tanto o texto verbal quanto o visual são textos autônomos, os quais contribuem, significativamente, para a leitura, de modo a articular as linguagens para o melhor aproveitamento da narrativa. Sendo assim, torna-se relevante salientar a importância do ilustrador, uma vez que este

[...] Não ilustra apenas o que acontece literariamente, mas sim representa também os fatos visuais poéticos que poderiam acontecer. Uma ilustração adequada jamais é texto de histórias texto. A chuva sereníde na memória da criança será mantida quando ilustrador materialista na imagem aquilo que é inexpressível da palavra (WALTY; FONSECA; CURY; 2002, p. 68 *apud* OLIVEIRA, 1998, p.65).

Desse modo, a *posteriori*, debruçaremos-nos, especificamente, na narrativa elaborada por Pedro Bandeira (2016), ancorando-nos, também, nas ilustrações de Osnei Rocha (2016). A partir disso, compreenderemos, assim, o trajeto feito por Alice através do Espelho do Sótão para o País da Mentira e, por conseguinte, através do Espelho do País da Mentira para ir ao País da Verdade.

4 ATRAVÉS DO SÓTÃO DO ESPELHO

Inquestionavelmente, o caminho criado por Alice até o país da mentira é bastante inusitado, haja vista que esta se deparou com um espelho estranhamente maleável, com resquícios de uma menina desconhecida em sótão inusitado e com uma pimenteira que a fez soltar um espirro bem grande e a levou para uma estranhíssima caverna úmida, altíssima e larguíssima, com pequenas criaturas misteriosas que se autodenominam de Mentiras. Por isso, torna-se importante ressaltar as diferentes Mentiras do País da Mentira e, principalmente, os efeitos que estas causam em Alice, a qual interage de modo assíduo com tais personagens e com o estranhíssimo contexto.

A princípio, Alice se depara com o inusitado e não demonstra nenhum resquício de medo, mesmo estando envolta por seres cochichadores, uma vez que cogita a possibilidade de que tudo não passe de uma brincadeira infantil:

— Quem é que está se escondendo por aí e cochichando ao mesmo tempo? É brincadeira de esconde-esconde? Pois pra brincar de esconde-esconde a gente tem de ficar bem quietinho no esconderijo, senão a brincadeira não tem graça (BANDEIRA, 2016, p.16).

Logo, a protagonista-menina evidencia, ao ser questionada pelo chefe das Mentiras, ter pleno conhecimento sobre quem ela é, outro aspecto que a diferencia da Alice de Carroll (2009), já que esta percorre a narrativa no País das Maravilhas passando por diversas transformações, ao ponto de perder-se no processo:

'Quem é você?' perguntou a Lagarta.
 Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: 'Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.'
 'Que quer dizer com isso?' esbravejou a Lagarta. 'Explique-se!'
 'Receio não poder me explicar', respondeu Alice, "porque não sou eu mesma, entende?"
 'Não entendo', disse a Lagarta.
 'Receio não poder ser mais clara", Alice respondeu com muita polidez, "pois eu mesma não consigo entender, para começar; e ser de tantos tamanhos diferentes num dia é muito perturbador." (CARROLL, 2006, p. 55-57).

Posteriormente, ao evidenciar não ser uma mentira, mas sim uma menina, Alice direciona sua atenção a um ser que se sobressai aos outros, o autodenominado Chefe das Mentiras, Barão Minch-ráuzen, ou, como é frequentemente chamado, Barão Mimi, um personagem pequeno, narigudo, com

longos bigodes espetados, com chapéu e roupas antigas. No decorrer da diegese, compreendemos que o Barão, na realidade, é a caracterização da Bazófia: “[...] eu por exemplo, além de Barão de Minch-ráusen sou conhecido como a Bazófia, um tipo de mentira que se conta pra todo mundo pensar que a gente é mais do que realmente é” (BANDEIRA, 2016, p. 34).

Figura 20 – Barão de Minch-ráusen



Fonte: 2016, p.16.

Após visualizar as múltiplas Mentiras, Alice continua sendo questionada sobre sua índole, ou seja, se a menina é uma Verdade ou uma Mentira. Porém, ao tentar reafirmar que ela não é pertencente àquele ambiente, o Barão Mimi lhe apresenta uma lógica que confunde a protagonista:

[...] Se você é uma mentira, está mentindo quando diz que se chama Alice e que é uma menina. Para saber quem você é, eu tenho de pedir que você fale a mentira, porque assim você será obrigada a fazer o contrário, que é falar a verdade, porque você é uma mentira mentirosa, e nós ficaremos sabendo que tipo de mentira você é. Isso porque, se você for uma verdade, é nossa inimiga e temos de botar você pra fora daqui (BANDEIRA, 2016, p.17).

Todavia, como leitores, compreendemos que, ao Alice responder tão convictamente que é uma menina, ela estava, simplesmente, expondo a verdade que conhecia, mas como no País da Mentira tudo que é dito é mentira, contrapondo a realidade que conhece, e segundo Eagleton (2019, p.68)

Não saber em que situação se está é estar numa situação chamada de dúvida. Estar fora de qualquer situação é o que se chama estar morto [...]

As pessoas reais, porém, como não se resumem a criações linguísticas, têm certo grau de Independência em relação ao meio circunstante [...]

Contudo, como “os personagens podem conferir algum colorido à ação [...]” (EAGLETON, 2019, p. 66), ao Alice tentar compreender a lógica do país das pequenas criaturas que vivem brincando de esconde-esconde, a protagonista é apresentada a diversas Mentiras.

Primordialmente, Alice evidencia sua relutância em considerar as mentiras como boas, e, até mesmo, capazes de ajudar. Entretanto, ao ouvir as palavras acusadoras da menina, o Barão Mimi se pronuncia para se defender apresentando mentiras conhecidas pela protagonista, como: o Blefe, “[...] uma mentirazinha desafiadora que serve para fazer os adversários pensarem que o blefador tem nas mãos um jogo melhor do que o deles, caem no engano e acabam perdendo a partida” (BANDEIRA, 2016, p.25). Ao ser apresentada a uma mentira na qual ela utilizava em seus jogos com Juninho, abre espaço na mente da protagonista para conhecer sem julgar os habitantes daquele mundo, afirmando que o imaginário se conecta com o simbólico, assim como propõe Postic (1992, p. 22):

Vê-se, no futuro, no que poderia ser em comparação com os adultos que a rodeiam. A criança toma consciência do que é possível, mede a diferença entre imaginário e real. As imagens aparentes (impressões) que os outros passam servem de pontos de referência para procurar o sentido de uma mutação de si próprios e para se transformar.

Ou seja, mesmo que no mundo anterior ao país da mentira mentir seja algo considerado repugnante e prejudicial, Alice ainda procura sentido em tudo que lhe é apresentado, já que, em algumas culturas e ambientes, a mentira pode ser considerada uma forma de proteger os outros e, até mesmo, de preservar a harmonia social, o que pode levar os seres em formação a terem uma percepção distorcida, dado que,

[...] no fantástico maravilhoso, a consciência racional acabaria por compreender as cenas narradas como elementos basicamente sobrenaturais. A realidade diegética seria tomada como uma abstração perante o traço natural, prevalecendo o sentido de inverdade (PEREIRA, 2019, p.170).

Posteriormente, torna-se importante evidenciar que Bandeira (2016) separou as Mentiras, no decorrer da narrativa, em níveis de intensidade: as aceitáveis, as toleráveis e as repulsivas, visto que cada uma, com suas particularidades, afetam os seres humanos de um modo distinto.

Tabela 01 – Separação das Mentiras por intensidade

Aceitáveis	Toleráveis	Repulsivas
Blefe Primeiro de Abril Potoca Engano Bobagem Mal-entendido Gafe Fora Patacoada Lorota Fábula Ficção Imaginação Imaginação de Criança Mentira Inocente Conto de Fadas Mentira Caridosa Boa Mentira	Fofoca Fuxico Vanglória Bravata	Mentira de Político Demagogia Difamação Mentira Deslavada Falsidade Fraude Corrupção Injúria Calúnia Traição Mentira Covarde Mentira por Omissão Mentira Cabeluda

Fonte: Elaborada pela autora com aporte na obra supracitada, 2023.

Desse modo, após o Barão Mimi evidenciar que as mentiras são múltiplas assim como os seres humanos, Alice passa a analisar fisicamente cada ser pertencente àquele universo fantástico e, assim, contrapõe sua ideia de que todas as mentiras devem ser feias (BANDEIRA, 2016, p. 27):

— Mas, Barão Mimi, mentira é coisa feia. Aqui tem umas que não são lá essas belezas, mas mentira tem de ser muito pior que isso. Por que vocês não são tão feios como as mentiras devem ser? — perguntou a menina.

Por isso, em decorrência de seu questionamento, o Chefe das Mentiras direciona a atenção da protagonista para um ser risonho, denominando-o de Primeiro de Abril, parente do Potoca, dois seres que não pretendem magoar nem machucar ninguém, somente querem se divertir.

A menina Alice fica tão imersa no ambiente ao qual está sendo apresentada que começa a questionar ao anfitrião sobre todas as mentiras residentes daquele país, perguntando seus nomes, suas ações e suas ídoles, como foi o caso do Engano, parente da Bobagem, que chamou atenção da menina pela sua cara de bobo, ou da Gafe, esposa do Fora e sobrinha do Engano, que atraiu o foco protagonista por ter o repetido hábito de bater a mão na testa.

Subsequentemente, Alice vê duas Mentiras com línguas compridas, que não paravam de cochichar uma para outra: a Fofoca e o Fuxico, gêmeas quase idênticas, que, segundo o Barão, demandam cuidado especial, porque “[...] se exagerarem nas fofocas e nos fuxicos, elas podem virar uma mentira muito mais perigosa [...]” (BANDEIRA, 2016, p.30). Todavia, antes de descobrir qual seria tal mentira perigosa, a Patacoada, de características iguais à Lorota, rouba a atenção, dando início a uma longa apresentação de todas as mentiras do país, na qual a menina interpreta por meio da sensibilidade e emoção, assim como afirma Coelho (1981, p.20):

Segundo dados da Psicologia, a mentalidade popular e a infantil identificam-se entre si por uma consciência primária na apreensão do eu interior ou da realidade exterior (seja o "outro", seja o "mundo"), Isto é, o sentimento do eu predomina sobre a percepção do outro (= seres ou coisas do mundo exterior). Em consequência, as relações entre o "eu" e o "outro" são estabelecidas, basicamente, através da sensibilidade, dos sentimentos e/ ou das emoções. [...] no povo (ou no homem primitivo) e na criança, o Conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo, da intuição (...) e não através do racional ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta e culta. Em ambos predomina o pensamento mágico, com sua lógica própria. Daí que o popular e o infantil se sintam atraídos pelas mesmas realidades.

De forma semelhante, tais fatos ocorrem quando Alice é apresentada à rainha das Mentiras: a Boa Mentira, a fada mais linda, a qual Alice nunca viu. A protagonista se surpreende com o fato de tamanha beleza pertencer ao País da Mentira, embora já tivesse se deparado com seres que ela não caracterizava como mentiras, a exemplo da Fábula, Conto de Fadas, Imaginação, entre outras personagens de índole ficcional.

Figura 21 – A Boa Mentira



Fonte: 2016, p.36.

Com o desenvolvimento da narrativa, é perceptível a alteração de posicionamento da protagonista, uma vez que ela, ao entrar no ambiente fantástico, repudiava qualquer tipo de Mentira, porém, após as apresentações dos membros do País da Mentira e das assimilações com sua realidade fora do Espelho do Sótão, a menina se questiona se naquele ambiente somente existem Mentiras boas, agradáveis ou pouco prejudiciais. Diante disso, há um direcionamento para o Zoológico das Piores Mentiras, no qual habitam, aprisionadas, as Mentiras mais repulsivas e prejudiciais aos seres, conforme nos mostra o seguinte trecho:

A menina viu-se num corredor largo e comprido, ladeado por jaula, como seria os zoológicos comuns, se os zoológicos comuns fossem instalados dentro de cavernas.

O urro assustador vinha do fundo do corredor mas, quando os visitantes foram percebidos pelos ocupantes das outras jaulas, um couro de urros medonho juntou-se ao urro inicial (BANDEIRA, 2016, p.41).

Depois, a menina pôde contemplar a variedade de mentiras perigosíssimas, como a Mentira de Político, que fazia seu discurso enganador, tendo ao seu lado a Demagogia e a Difamação (a perigosa transformação que pode infligir à Fofoca e ao Fuxico se exagerarem), sendo seguida pela Mentira Deslavada, a Falsidade, a Injúria e a Calúnia, no qual descobriu que não estava associada a mentira inventada por Juninho. Ao adentrar mais profundamente no interior do zoológico cavernoso, Alice encontra a Traição, a Mentira por Omissão, e, principalmente, a Mentira Cabeluda, a pior das mentiras e a última a ser apresentada, o que faz com que Alice se questione: “Então, qual será a mentira do Juninho” (BANDEIRA, 2016, p.51).

Figura 22 – Mentira de Político, Demagogia e Difamação



Fonte: 2016, p.45.

Porém, nem ao menos o questionamento se fixou na mente da menina, a Mentira Cabeluda se enfureceu por considerar que Alice é uma Verdade, dado suas pernas longas e seu nariz pequeno (aspecto predominante do País da Verdade). Desse modo, após ser instigada a sair correndo do Zoológico pelo Barão Mimi, e, conseqüentemente, da Caverna, a menina decide tentar se salvar, porém, enquanto saía em disparada, ouviu o sábio conselho do Chefe das Mentiras: “Alice, aprenda a escolher o seu caminho! Você tem que descobrir a diferença! Aprenda a escolher o seu caminho, Alice!” (BANDEIRA, 2016, p.52), que foi repetidamente esbravejado pela Bazófia.

Figura 23 – Mentira Cabeluda



Fonte: 2016, p.50.

Em seus últimos minutos dentro da caverna das mentiras, a protagonista se viu sem uma saída prática que a possibilitaria fugir das garras da Mentira Cabeluda. Contudo, observou que as mentiras pertencentes àquele país estavam formando um corredor que se encerrava diante de um espelho semelhante ao Espelho do Sótão.

Por isso, Alice correu em sua direção e, sem ressalvas, atravessou sua face maleável. Porém, ao contrário de ser direcionada ao Sótão do Espelho ou ao Sótão da Casa da Vovó, Alice se viu em um ambiente distinto: o País da Verdade.

5 ATRAVÉS DO ESPELHO DAS MENTIRAS

A princípio, torna-se necessário evidenciar a importância da relação das crianças e dos adolescentes com a temática da Verdade, já que a forma com a qual lidamos com a Verdade pode afetar diretamente o desenvolvimento desses indivíduos. Diante disso, é fundamental entender os impactos que a Verdade pode ter na infância e na adolescência, a importância de se estabelecer uma relação saudável com ela, bem como a maneira com que a Verdade caracteriza a protagonista Alice.

A verdade é um dos valores mais importantes para a formação do caráter das crianças e dos adolescentes. Isso porque, desde cedo, esses indivíduos precisam aprender a distinguir o que é certo do que é errado, e a verdade é um dos principais critérios para essa distinção. Além disso, a verdade é um dos pilares da confiança e do respeito mútuo, valores fundamentais para a construção de relacionamentos saudáveis. No entanto, é importante ressaltar que a relação das crianças e dos adolescentes com a verdade pode ser afetada por diversos fatores, como a cultura, a religião e a educação. Ainda, a forma como os adultos lidam com a verdade também pode afetar a relação das crianças e dos adolescentes com ela.

Um dos primeiros autores a estudar o julgamento dualista moral foi Jean Piaget (1932), o qual considerou que as crianças passam por diferentes estágios de desenvolvimento moral, nos quais vão construindo, gradualmente, sua compreensão sobre o que é certo e o que é errado. No estágio inicial, que Piaget (1932) chamou de **heteronomia moral**, as crianças se baseiam nas regras impostas pelos adultos e não conseguem distinguir entre o que é moral e o que é convencional. Já no estágio posterior, chamado de **autonomia moral**, as crianças conseguem pensar por si mesmas e compreender que as regras são construídas socialmente.

Outrossim, Lawrence Kohlberg (1976), discípulo de Piaget, propôs, em sua teoria dos estágios de desenvolvimento moral, que os indivíduos passam por seis estágios, nos quais vão construindo sua compreensão sobre o que é certo e o que é errado. No estágio inicial, chamado de **obediência e punição**, os indivíduos se baseiam nas recompensas e nas punições para determinar o que é certo e o que é errado. Já no estágio final, chamado de **princípios éticos universais**, os indivíduos

têm o poder de pensar em termos abstratos e de considerar os princípios éticos universais para determinar o que é certo e o que é errado. Nesse cenário, também cabe destacar Elliot Turiel (1983), que propôs, através da teoria da distinção entre moralidade e convenção, que as crianças conseguem distinguir entre as normas que são moralmente relevantes e as normas que são convencionais, ou seja, que são construídas socialmente e podem variar conforme a cultura. Essa distinção é importante, porque permite às crianças a compreensão de que nem todas as regras são igualmente importantes e que algumas normas devem ser seguidas independentemente da opinião dos outros.

Diante do exposto, é perceptível que Alice inicia a narrativa com um heterônimo moral, sem distinguir se ela realmente repudia todas as mentiras e se posiciona a favor da verdade, mesmo sem conseguir compreender a particularidade delas, ou se a menina simplesmente segue os preceitos estipulados pela sociedade. Por isso, ao se encontrar em uma

[...] campina vasta, ensolarada, sem uma só nuvem no céu, brilhando de tanta luz! Toda aquela sensação de liberdade, porém, tinha um estranho limite: a distância, para todos os lados que olhasse, a menina via grades muito altas, uma fileira de grades, cercando tudo, completamente (BANDEIRA, 2016, p.54).

Alice inicia a descrever, nesse contexto, o primeiro personagem que avista: um ser obeso no fim de uma encruzilhada de pedras, sentado em um pequeno banco, protegendo-se com um guarda-chuva.

Figura 24 – Uma Verdade de Peso



Fonte: 2016, p.55.

O homem, com seu peso exacerbado, forçava o banquinho que se quebrou, tornando o ciclo repetitivo. E, ao ser questionado por Alice, o ser afirma:

- Desculpe, meu senhor. Por que insiste em sentar-se, se sabe que o banquinho vai quebrar?
- Porque sou uma Verdade. E a Verdade tem de estar sempre bem assentada - respondeu o gordo, armando mais um banquinho do estoque atrás de si e caindo novamente. – Oooops!
- Mas então por que o senhor se senta em banquinhos fracos como esses?
- Porque as bases da Verdade são muito frágeis. Oooops!
- Desta vez Alice ajudou o caído a levantar-se, comentando:
- Mas é que, com o seu peso
- O homem interrompeu-lhe a frase:...
- Este é o Peso da Verdade. Ooops! (BANDEIRA, 2016, p.56).

Em um lugar desconhecido, a protagonista questiona onde estão todas os seres pertencentes aquele ambiente, e, ao ser elucidado que estes estão em uma reunião com o Sábio, porém, ela não sabe exatamente para onde ir, o que pode ser associado ao diálogo da protagonista Alice, de Carroll (2009, p.76-77), e o Gato de Cheshire de sobre a indecisão da menina com qual caminho seguir:

- “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”
- “Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato.
- “Não me importa muito para onde”, disse Alice.
- “Então não importa que caminho tome”, disse o Gato.
- “Contanto que eu chegue a algum lugar”, Alice acrescentou à guisa de explicação.
- “Oh, isso você certamente vai conseguir”, afirmou o Gato, “desde que ande o bastante.

Ou seja, quem não sabe para onde ir, qualquer lugar é válido, contanto que se chegue a algum lugar. Por isso, Alice e a Verdade dos banquinhos decidem seguir pela sorte, ao tirarem ímpar ou par, e, assim, escolher seguir o caminho sorteado: a direita. Ao se direcionar a pequena ladeira, a menina vê uma porção de guarda-chuvas e sombrinhas, que cobriam tudo, em direção a um tonel de onde saiu um velho, com um guarda-chuva aberto e uma lanterna acesa.

O Sábio, advindo do tonel, ao ser cumprimentado por Alice, também a confunde com uma Mentira que mente até o tamanho de suas pernas, mas, diante dos protestos da visitante, decidiu ignorar, por um tempo, o fato. Logo, o velho se apresenta como Diógenes de Sinopse: uma Verdade que procura, incessantemente, um homem totalmente honesto. Porém, diante da curiosidade da protagonista, o

Sábio Didi cessa sua busca para iniciar uma apresentação sobre o País da Verdade e os seres que o compõe:

Tabela 02 – Separação das Verdades

Verdades Honestas	Verdades do Calabouço das Piores Verdades
Sinceridade Autenticidade Exatidão Rigor Caráter Fidelidade Denúncia Verdade-de-cada-um Verdade Humilde Verdade Provada Verdades Inseguras	Delação Verdade-doa-a-quem-doer Verdade-nua-e-crua Verdade Absoluta

Fonte: Elaborada pela autora com aporte na obra supracitada, 2023.

Diante das características das Verdades apresentadas pelo Sábio Didi, Alice é apresentada às particularidades que diferem as Verdades das Mentiras: a Verdade precisa residir em um lugar claro, porque só assim terá valor; a Verdade é perigosa, por isso precisa ficar todos presos, envoltas por grandes altas; a Verdade depende do ponto de vista, tanto das necessidades quanto das oportunidades, desse modo são múltiplas e distintas; e, a Verdade é como homeopatia, uma vez que tem que ser proferida aos poucos, preferencialmente em pequenas doses, para não assustar. Nesse contexto, e, diante da última especificação, as Verdades iniciam, a pedido do Sábio, uma pecinha denominada “Verdade é como homeopatia”, na qual evidencia a história de um encontro entre um capataz e a dona da fazenda, em que as más notícias, referente ao local administrado pelo rapaz, são contadas de maneira cautelosa e pausada, como no trecho a seguir (BANDEIRA, 2016, p.83-84):

Foi a vela do velório, deu um vento e ela caiu, pegou fogo nas cortinas e a tudo consumiu! Mas afora o ocorrido, vou contar para a patroa: na fazenda tudo bem. lá vai tudo numa boa!
 Um velório, tu me dizes?! Mas o que aconteceu? Meu rapaz, não fique quieto, diga logo quem morreu!
 Quem morreu foi sua mãe, lá, deitada no caixão. E a coitada queimou toda, não sobrou nem um torrão... Mas afora o ocorrido, vou contar para a patroa: na fazenda tudo bem. lá vai tudo numa boa!
 Mas que horror, a minha mãe! Como isso sucedeu? Ela estava muito bem! Mas do que ela morreu?
 Foi por causa do desgosto que a matou do coração vendo o genro se enforcar numa trave do porão... Mas afora o ocorrido, vou contar para a patroa: na fazenda tudo bem, lá vai tudo numa boa!

E, com isso, a protagonista entra em êxtase pela apresentação das Verdades, considerando que estas são, em sua totalidade, graciosas e boas. Contudo, o Sábio evidencia que nem todas são agradáveis, já que, assim como no país das Mentiras, existe um lugar onde os piores seres estão presos: o Calabouço das Piores Verdades, um ambiente úmido e aterrorizante. Ao contrário do Zoológico das Piores Mentiras, o Calabouço não era dividido por jaulas, mas, sim, por grandes correntes que acorrentavam as Verdades prejudiciais pelos tornozelos.

Alice, ao se encontrar envolta por aqueles seres, depara-se com a Delação, “é nela que a Denúncia pode se transformar se não tiver cuidado com o que diz.” (BANDEIRA, 2016, p.88), e, logo após, encontra a Verdade-doa-a-quem-doer, uma Verdade agressiva, que, assim como a anterior, jogou-se em cima da menina. Posteriormente, Alice conhece uma a uma as Verdades daquele lugar, como a Verdade-nua-e-crua, e, principalmente, a Verdade Absoluta, que se equipara, de modo prejudicial e ferocidade, a Mentira Cabeluda, uma vez que ela é “[...] uma fanática que quer impor seu tipo de Verdade a todo mundo” (BANDEIRA, 2016, p.90), e, por isso, babava de raiva, para logo tentar alcançar a menina com seu fanatismo.

Figura 25 – Verdade Absoluta



Fonte: 2016, p.62.

Ao se encontrar diante do perigo, novamente, Alice sai em disparada para o início de todo trajeto no país das Verdades: o caminho onde está a Verdade dos banquinhos, que ainda se encontrava no mesmo lugar, caindo repetidas vezes. A protagonista opta por seguir o único caminho no qual não percorreu, mas que a leva

até o castelo esquisito, pois, além de ter chaminés fumegantes no lugar das torres, todas as portas davam para um único cômodo: a cozinha da duquesa, que explica a Alice sobre as diferenças entre perdão — biscoito de chocolate com recheio de baunilha —, perdão de mentiroso (biscoito de chocolate com recheio de morango), desculpinhas (sorvete) e desculpinhas esfarrapadas (sequilhos).

A posteriori, a cozinheira evidencia a melhor e, simultaneamente, a pior comida do mundo: a língua, que, ao passo que beneficia e une os povos, também os prejudica e separa, uma vez que “a língua depende do uso que se faz dela [...]” (BANDEIRA, 2016, p.100), assim como o ouvido, já que pode ser definido como difícil de se aprender a ouvir, pois o modo que se diz algo não é mais importante do que a forma que se ouve.

Diante de tudo o que foi exposto durante suas experiências, Alice se dispõe a observar a cozinheira, que iniciou o processo de salpicar, incessantemente, pimenta em todas as panelas, ao ponto de fazer uma nuvenzinha que chegou ao nariz de Alice, fazendo-a espirrar, novamente, com os olhos cerrados. E, como no princípio da diegese, a protagonista é teletransportada de volta para o Sótão da Vovó e conseqüentemente ao mundo a que pertence.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no decorrer desse estudo, torna-se imprescindível evidenciar que buscamos, por meio da obra *Alice no País da Mentira*, do autor brasileiro Pedro Bandeira (2016), apresentar uma análise para demonstrar a importância da literatura na abordagem de temas socialmente considerados difíceis de serem discutidos, como a Mentira e a Verdade. Nesse viés, procuramos entender e evidenciar os caminhos pelos quais a literatura infantil/juvenil percorreu até a constituição da vigente obra, além de evidenciar a diversidade de aprendizagens existentes através da obra literária.

O estudo em questão é de caráter bibliográfico, comparado e qualitativo, e busca compreender como a literatura pode influenciar a construção dos seres, independentemente do modo ou do local de elaboração, assim como as temáticas fraturantes. Tais fatos se dão, pois, desde a infância, a busca por verdades e a distinção entre o que é verdadeiro e o que é falso são aspectos fundamentais do desenvolvimento humano.

Na infância, as Verdades e as Mentiras são, muitas vezes, misturadas de forma confusa, o que pode gerar confusão e ansiedade nas crianças, assim como foi com Alice, que, ao se deparar com uma mentira, não soube identificá-la e nem lidar com ela. Nesse sentido, a educação e o diálogo com os adultos são fundamentais para que as crianças aprendam a distinguir entre Verdades e Mentiras. É importante que os adultos sejam honestos com as crianças, evitando mentir ou omitir informações relevantes. Além disso, é significativo estimular as crianças a fazerem perguntas e a pensar criticamente sobre as informações que recebem, para poderem desenvolver uma compreensão mais acurada do mundo ao seu redor.

Diante da responsabilidade dos adultos em fornecer às crianças as ferramentas necessárias para esse desenvolvimento através da educação, do diálogo e da promoção da reflexão crítica, torna-se vital expor que os temas fraturantes são vistos pelos pequenos seres em formação com naturalidade, enquanto os adultos se reservam a privativa de abordar tais temáticas. A má utilização desse tema pode ocasionar em experiências traumáticas para os seres em formação, por não terem um conhecimento prévio da temática e de seus impactos,

assim como Alice, que aprendeu na prática, ou seja, ao vivenciar, revelando o impacto de sua aventura em sua construção e na sua caracterização.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BANDEIRA, Pedro. **Alice no País da Mentira**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- BELMIRO, Celia Abicalil; MARTINS, Marcus Vinicius Rodrigues. Em busca de fugas poéticas: informação e ficção em livros para a infância. **Em Aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p.59-76, maio/ago., 2019.
- CADEMARTORI, Lígia. Começou com Perrault. *In*: CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010, p. 39-47
- CANTON, Katia. **Era uma vez Perrault**. 1ª ed. São Paulo: DLS, 2005.
- CANTON, Katia. **Era uma vez Irmãos Grimm**. 1ª ed. São Paulo: DLS, 2006.
- CANTON, Katia. **Era uma vez Andersen**. 1ª ed. São Paulo: DLS, 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5ª ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
- FROTA, Ana Maria M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007.
- HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. 1ª ed. São Paulo: Olhares, 2021.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- KOHLBERG, L. The cognitive-developmental approach to moral education. *In*: **Moral Development and Behavior: Theory, Research and Social Issues**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1976, p. 226-243.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1987.

PEREIRA, Danglei Castro. Imaginário infantil em diálogo: João Guimarães Rosa e Juan Pablo Villalobos. *In*: KIRCHOF, E. R.; SOUZA, R. J (org.). *Literatura para crianças e jovens: temas contemporâneos*. **Em aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, maio/ago, p. 165-174.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1932.

POSTIC, M. **O imaginário na relação pedagógica**. Trad.: PINTO, Mário J. F. Rio Tinto, Portugal: Asa, 1992.

ROSENFELD, Anatol. *Literatura e Personagem*. *In*: CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida Prado; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. p.11-49.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Sobre conto e reconto (nos 200 anos de Kinder-und Hausmärchen, dos irmãos Grimm, 1812-2012). *In*: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteado (org.). **Conto e Reconto: das fontes à invenção**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TURIEL, E. **The Development of Social Knowledge: Morality and Convention**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.